

DOS MUROS DE CONCRETO ÀS BARREIRAS TECNOLÓGICAS: INDÍCIOS DE INDIVIDUALISMO E ISOLAMENTO NO SÉCULO XXI

Verônica Daniel Kobs¹

Resumo: Partindo das influências da tecnologia digital na área de Estudos Culturais, este artigo retoma o conceito de diáspora, para discutir a questão dos muros, relacionando-a às identidades e à hierarquia social. Os muros criam divisas que fracionam ainda mais o contexto social e, assim, pode-se evidenciar o paradoxo da globalização, tal como será analisado na primeira parte deste estudo, com base nos postulados de Stuart Hall e Zygmunt Bauman. Além disso, será demonstrado como os muros reais são representados em alguns filmes e séries produzidos no século XXI, a fim de consolidar o aspecto social das mídias. Posteriormente, os muros físicos serão associados aos muros metafóricos, resultantes do individualismo e do isolamento – ambos incentivados, hoje em dia, pelo advento tecnológico das mídias digitais e das hiper mídias, a exemplo do computador e do *smartphone*. Portanto, na segunda parte deste trabalho, será analisada a importância da realidade virtual na alteração das relações pessoais, de acordo com os pressupostos de Fátima Régis e Lúcia Santaella.

Palavras-chave: Diáspora. Muros. Realidade virtual. Individualismo.

Abstract: Considering the influences of digital technology on Cultural Studies, this article analyzes the diaspora concept, to discuss the construction of walls, relating it to the identities and the social hierarchy. The walls create boundaries that increase the fragmentation of the social context, exemplifying the globalization's paradox, as will be analyzed in the first part of this study, with base in postulates by Stuart Hall and Zygmunt Bauman. Besides, this work intends to demonstrate how the real walls are represented in films and series produced in the 21st century, in order to consolidate the social aspect of the media. Later, the physical walls will be associated to the metaphorical walls, resultants of the individualism and isolation – both motivated, nowadays, for the technological coming of the digital media and hypermedia, as computer and smartphone. Therefore, in the second section of this article, will be analyzed the importance of the virtual reality in the personal relationships' reconfiguration, according to the theories developed by Fatima Regis and Lucia Santaella.

Keywords: Diaspora. Walls. Virtual reality. Individualism.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, será discutida a questão dos muros – reais e metafóricos. No século XXI, momento em que a sociedade protagoniza um novo advento tecnológico e outra onda de globalização, as diásporas multiplicam-se, fazendo com que a alteridade e a interculturalidade

¹ Pós-Doutora em Literatura e Intermidialidade (UFPR, 2018). Professora do Mestrado e do Doutorado em Teoria Literária da Uniandrade (UFPR). Professora da Graduação em Letras da FAE. Professora da Especialização em Letras da PUC-PR. Editora da revista literária Scripta Alumni. Autora do blog Interartes: Artes & Mídias. e-mail: danielkobs.veronica@gmail.com

sejam consideradas características cada vez mais urgentes e necessárias, no cenário contemporâneo. Entretanto, na contramão dessa tendência, ressurgem os ideais de segregação, como, por exemplo, a construção de muros para garantir o fracionamento da sociedade, que, por sua vez, resulta em preconceito e exclusão.

Com base nesse panorama, a primeira seção deste artigo, intitulada “Deslocamentos e identidades”, resgata os conceitos de diáspora, com o objetivo de discutir as territorialidades e a hierarquia social impostas pelos muros de concreto. Utilizando as teorias de Zygmunt Bauman e de Stuart Hall, o estabelecimento de fronteiras será associado ao conceito de comunidade, com o intuito de evidenciar o paradoxo da globalização, já que esse fenômeno realça mais as diferenças do que as semelhanças.

Na segunda parte do trabalho, denominada “A questão dos muros representada nas mídias e na tecnologia”, a construção das barreiras físicas será mostrada em alguns filmes e séries lançados nas primeiras décadas do século XXI, consolidando a pertinência desse problema nos dias de hoje. Simultaneamente, a relevância que as produções audiovisuais atribuem a essa temática será interpretada como inerência do aspecto social nas artes.

Relacionando, então, os muros reais às barreiras tecnológicas, este estudo propõe uma reflexão sobre a criação deliberada de outro tipo de muro, invisível e metafórico, mas que reforça o individualismo e o isolamento provocados pela construção dos muros físicos. Nesse sentido, entrelaçando as problemáticas do mundo real e do universo virtual, em conformidade com os pressupostos de Fátima Régis e Lúcia Santaella, será analisada a hipótese de que as hipermídias, principalmente por meio da *Internet* e das redes sociais, anulam o senso de coletividade, transformando as comunidades em um conceito aparente e ilusório, que tenta ocultar o perfil individualista do sujeito, apesar de hoje existirem inúmeras possibilidades e ferramentas capazes de promover o compartilhamento, a convivência e a interconectividade.

DESLOCAMENTOS E IDENTIDADES

Em pleno século XXI, perpetuam-se os deslocamentos. Na verdade, eles nunca cessaram. Os motivos são muitos, embora o objetivo seja um só: tentar sobreviver. Para isso, muitas pessoas deixam sua terra natal e partem em busca de uma vida nova, em outra cidade, e muitas vezes até em um país estrangeiro. Discutindo essa tendência cada vez mais crescente, em 2017, o grupo *Tribalistas* lançou a canção intitulada *Diáspora*, que trata desse fenômeno mundial e ininterrupto. Nos primeiros versos, os compositores fazem questão de registrar o atavismo das travessias e dos deslocamentos, misturando referências históricas — da

Antiguidade e também do nosso tempo: “Pereceram / os que a estes mares / ontem se arriscaram / [...] / atravessamos o mar Egeu / o barco cheio de fariseus / com os cubanos, sírios, ciganos / como romanos / sem Coliseu” (ANTUNES; BROWN; MONTE, 2017).

Em qualquer tipo de processo diaspórico, ocorrem mudanças que impedem a continuidade das relações de identificação, antes responsáveis pela formação de vínculos que, por sua vez, resultavam em pequenos núcleos ou grupos de convivência:

[...] as identidades consideradas assentadas e estáveis naufragam na proliferação da diferenciação. Pelo mundo afora, os processos das chamadas “migrações livres e forçadas” mudam de composição, diversificam culturas e pluralizam as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, os antigos poderes imperiais, e, na realidade, do próprio globo terrestre. Os fluxos não regulados de povos e culturas são [...] amplos e ininterruptos [...]. (HALL, 2016, p.56-57, grifo no original)

De acordo com os dados fornecidos pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, desde 2012 até 2020, o número de emigrantes brasileiros cresce gradativamente, tendo ultrapassando o dobro, em apenas 8 anos (Fig. 1):

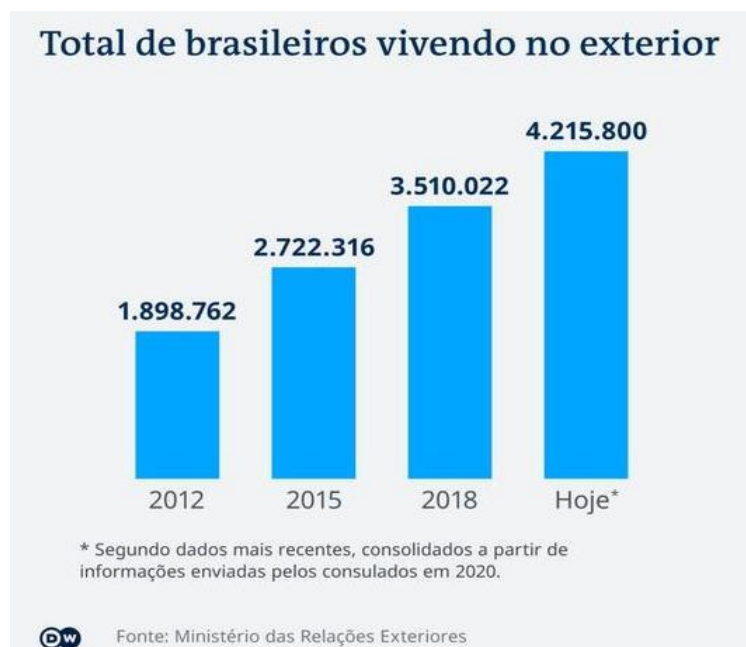


Figura 1: Comparativo de dados de 2012 a 2020, referentes aos brasileiros que passaram a viver em outro país. Imagem disponível em: <<https://outraspalavras.net/outrasmidias/retrato-da-grande-diaspora-brasileira/>>

Completando o ciclo diaspórico, o número de imigrantes estrangeiros que passaram a viver no Brasil também tem se alterado de modo significativo, principalmente na última década:

“Em 2010, o censo mostrou que quase 600 mil imigrantes viviam no Brasil [...]. Dez anos depois, esse número mais que dobrou, chegando a 1,3 milhão, segundo um estudo apresentado [...] pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra)” (MANTOVANI, 2021).

Porém, na contramão da interculturalidade e do trânsito frequente das diásporas, durante o mês de junho de 2020, surgiam mais muros. O novo fato era uma ordem de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos na época, em resposta aos protestos pela morte de George Floyd: “A cerca pretende manter as pessoas do lado de fora, óbvio, e garantir a segurança para a Casa Branca” (ESTADO DE MINAS, 2020). Naquela ocasião, o medo e a insegurança foram ironizados por muitos, que fizeram questão de mencionar a ideia separatista de Trump em relação aos mexicanos, alguns anos antes.

A iniciativa do governante foi considerada egoísta e individualista. É certo que, de modo imediato, um muro garante alguma segurança. Entretanto, também simboliza exclusão, preconceito e marginalidade. Defender a construção de um muro anula qualquer possibilidade de diálogo, convivência pacífica, diversidade e solidariedade. Em outras palavras, a cidade lá fora, em vez de ser vista como aliada, passa a ser considerada uma ameaça, porque, embora tenha sido “construída originalmente em nome da segurança, para proteger de invasores mal intencionados os que moram intramuros, tornou-se em nossa época ‘associada mais com o perigo do que com a segurança’” (BAUMAN, 1999, p.55, grifo no original). Metonimicamente, a cidade representa os outros e a sociedade como um todo, que se transforma em uma zona refratada e dividida. Por essa razão, Zygmunt Bauman afirma que: “O indivíduo é o pior inimigo do cidadão” (BAUMAN, 2001, p.45).

O muro em volta da Casa Branca multiplica-se, na realidade cotidiana. Ele também está nos clubes, nos *shoppings*, nos condomínios, nas ruas fechadas, nos *resorts* e até nos parques temáticos. Todos esses espaços são construídos na tentativa de oferecer “o que nenhuma ‘realidade real’ externa pode dar: o equilíbrio quase perfeito entre liberdade e segurança” (BAUMAN, 2001, p.116, grifo no original). Como bolhas, em meio à malha urbana, marcada pelo caos e pela diferença, eles artificializam um espaço ideal de convivência, com “pouca ou nenhuma relação com o ritmo e o teor da vida diária que flui ‘fora dos portões’” (BAUMAN, 2001, p.115, grifo no original). Portanto, esses círculos de convivência restrita alimentam a utopia, desabilitando a capacidade das pessoas para o enfrentamento de situações que envolvem assimetrias, riscos e dificuldades em geral. Conforme Sandra Pesavento, “a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros” (PESAVENTO, 1999, p.9). Seguindo essa linha de pensamento, a criação de espaços especiais

e assépticos, que oferecem uma zona confortável, livre de ameaças e perigos, funciona como um instrumento de alienação, inconsciente, de início, mas que depois se torna uma ação deliberada — pelo isolamento, pela irrealidade, mas contra a convivência não programada, e naturalmente imposta pelo espaço urbano.

Além disso, esses paraísos artificiais têm acesso restrito, definido pela classe social e pelo poder aquisitivo. Esses redutos são destinados aos “cidadãos consumidores, sem vestígios de pobreza e deterioração” (PINTAUDI; FRUGOLI JR., 1992, p.77). Em essência, o medo e a insegurança estão por trás dessas minissociedades muradas:

A insegurança ambiente concentra-se no medo pela segurança pessoal; que por sua vez aguça ainda mais a figura ambígua e imprevisível do estranho. Estranho na rua, gatuno perto de casa... Alarmes contra assalto, bairros vigiados e patrulhados, condomínios fechados, tudo isso serve ao mesmo propósito: manter os estranhos afastados. (BAUMAN, 1999, p.130-131)

Contudo, em um segundo momento, elas se transformam em símbolos — da intolerância, do preconceito e da exclusão.

Em 2017, o problema da construção de muros estava em ascensão. No mês de abril, o jornal *El País* ligava o alerta: “Depois da queda do Muro de Berlim, restavam apenas 11 deles no mundo. Atualmente, a cifra subiu para 70” (EL PAÍS, 2017). Dois meses depois, a *Folha de S. Paulo* reafirmava: “Das 17 barreiras físicas existentes em 2001, passamos para 70 hoje” (MAISONNAVE; ALMEIDA, 2017). Esses números desmascaram o pretense efeito de globalidade, porque revelam o “blefe da unidade comunal” (BAUMAN, 2001, p.221). Dessa maneira, segundo esse autor, levantar muros é uma ação esperada, tendo em vista as características do comportamento e dos relacionamentos humanos na sociedade atual: “Um impulso violento está sempre em ebulição sob a calma superfície da cooperação pacífica e amigável” (BAUMAN, 2001, p.221).

Evidentemente, isso não justifica nenhum tipo de separatismo ou segregação. Entretanto, os postulados de Zygmunt Bauman podem ser associados a movimentos que pregam a individualidade e o isolamento, em vez da coletividade e da consciência de classe. Em outras palavras, o autor defende que qualquer senso comunitário é imediatamente destruído, quando as individualidades são postas à prova. Simbolizando o avesso da ideologia separatista, dois acontecimentos marcaram os anos 1980 e 1990: a queda do muro de Berlim, em 1989; e o fim do *Apartheid*, um pouco mais tarde, em 1991, na África do Sul.

Em se tratando de muros, sem dúvida o mais impressionante deles é a Muralha da China. Embora as fontes sejam divergentes, pode-se estabelecer que essa construção começou em

torno do ano 200 a.C., tendo sido finalizada no século XVI. A preocupação principal era defender os chineses dos invasores, durante as disputas pela rota da seda, o que resultou em um monumento conhecido mundialmente e que alcança mais de 8 mil Km de extensão. Universalmente, os muros criam fronteiras, realçando hierarquias e diferenças. Aliás, mesmo no mundo globalizado, é ingênuo acreditar em um sistema que prevê igualdade e uniformidade. Por sua tendência homogeneizante, a globalização, assim como o capitalismo, não dispensa a desregulamentação:

O sistema [...] *não é* global, se por isso se entende que o processo é de caráter uniforme, afeta igualmente todos os lugares, opera sem efeitos contraditórios ou produz resultados iguais no mundo inteiro. Ele continua sendo um sistema de desigualdades e instabilidades cada vez mais profundas [...]. (HALL, 2003, p.59, grifo no original)

Como se vê, a estrutura hierárquica do capitalismo tem fundamental importância para o processo de globalização, que, de acordo com o que Stuart Hall enfatiza, é marcado “ainda pelo desarraigamento irregular das relações sociais” (HALL, 2003, p.58). Tal disparidade, no entanto, é condição essencial para o estabelecimento das identidades:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição [...] está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (SILVA, 2003, p.81)

Associando-se à exclusão e à diferença, atualmente as muralhas se proliferam, e surgem em uma época em que também aumentaram os êxodos, os deslocamentos e as diásporas. Temos as duas Coreias, o muro redivivo da Irlanda e as icônicas cisões entre Cisjordânia e Israel, EUA e México, Grécia e Turquia, Espanha e Marrocos... Citamos aqui apenas alguns exemplos, mas há dezenas deles, que nos lembram do **paradoxo da globalização**. Essa palavra, por si só, faz referência ao que é global, vendendo a ideia de um mundo homogêneo e sem fronteiras. No entanto, a globalização de nossa época produziu um efeito contrário. Segundo Bauman, ela “parece ter mais sucesso em aumentar o vigor da inimizade e da luta intercomunal do que em promover a coexistência pacífica das comunidades” (BAUMAN, 2001, p.219). Nesse sentido, o fenômeno alimentou a individualidade e, por meio da tecnologia digital, tornou as pessoas mais reclusas, privilegiando o ambiente privado e a solidão. Tal como será demonstrado, na próxima seção deste trabalho, essa característica está intrinsecamente ligada ao universo virtual,

afinal, as interfaces digitais anularam a necessidade do contato físico e alteraram significativamente as relações interpessoais.

A QUESTÃO DOS MUROS REPRESENTADA NAS MÍDIAS E NA TECNOLOGIA

As telas do computador e do *smartphone* garantem a proximidade virtual, que, diferentemente da proximidade física, face a face, pode ser mais facilmente controlada e administrada. Qualquer tipo de conflito virtual não exige diálogo, negociações ou pedido de desculpas. Basta apertar um botão, e o outro (junto com todos os problemas que ele representa) pode ser silenciado, bloqueado ou cancelado. Abstraímos, apenas com um clique, a alteridade e a sociedade à nossa volta. O que sobra é nosso *ego*, autocentrado e ensimesmado. Sendo assim, não é demais afirmar que as telas de hoje são novos tipos de muros — transparentes quando queremos, mas intransponíveis.

Longe de incentivar os deslocamentos físicos e as migrações reais, o mundo digital garante a mobilidade e o apagamento das fronteiras somente na Grande Rede, que oferece um mundo alternativo e ideal, como se fosse o universo paralelo ou a chamada **terra dois**, como vemos nas atuais séries de super-heróis. Aliás, em se tratando de séries, a arte também imita a vida e, por isso, não são raras as histórias que dividem os personagens, colocando-os em lados opostos de um muro. Em boa parte das produções de cinema e de *streaming*, o muro segrega e aprisiona, como é o caso de títulos como: *Colony* (EUA, 2016), *Guerra mundial Z* (EUA, 2013) (Fig. 2), *Meu namorado é um zumbi* (EUA, 2013), *Divergente* (EUA, 2014), *Maze Runner* (EUA, 2014), *The rain* (DK, 2018), *Zoo* (EUA, 2015), entre outros.

Além dos muros físicos, e visíveis, há aqueles imateriais, que são sentidos, sem serem vistos. Em *Once upon a time* (EUA, 2011), por exemplo, o muro não é visível, mas todos os personagens que tentavam passar de certo ponto eram impedidos de continuar, como se naquele local houvesse uma força sobrenatural, controlando o acesso. Esse mesmo fenômeno aparece em outras séries, tais como: *Under the dome* (EUA, 2013) (Fig. 2), *Wayward Pines* (EUA, 2015), *Glitch* (AUS, 2015), *Wynonna Earp* (EUA; CA, 2016) e na temporada final da saga *Supernatural* (EUA, 2019), quando, usando magia, os irmãos Winchester fazem um muro energizado, na tentativa de impedir que os espíritos do mal, liberados por Deus, entrem no território dos vivos.



Figura 2: Muros das séries *Colony* (à esq.), *Under the dome* (ao centro) e do filme *Guerra mundial Z* (à dir.). Imagens disponíveis em: <<https://es.fanpop.com/clubs/colony-tv-series/images/40023941/title/colony-wall-photo>>, <<https://pipocasclub.com.br/2020/07/06/saiba-onde-assistir-under-the-dome-prisao-invisivel/>> e <<https://sites.google.com/site/mejorespeliculasdezombies/guerra-mundial-z---sinopsis>>

Os muros também aparecem na nova versão de *Eu sou a lenda* (EUA, 2008), protagonizada por Will Smith. O personagem assiste a uma animação, quando surge um diálogo sobre os muros na sociedade atual. Em outro momento do longa, o protagonista relata um encontro com zumbis, e constata: “[...] comportamento humano típico completamente ausente” (EU SOU A LENDA, 2008). Essa relação, entre muros, isolamento, solidão e ausência de humanidade não é mera coincidência. Com a tecnologia, não só as relações sociais, mas também o conceito de comportamento humano foram reconfigurados. Quando o sujeito não responde mecanicamente aos estímulos e às questões **personais**, usa a máquina para conseguir manter o isolamento e o distanciamento físico, tentando se convencer de que tem mobilidade total, em um mundo sem fronteiras. Contudo, essas qualidades aplicam-se apenas ao universo *on-line*, demonstrando que a tecnologia finalmente propiciou a criação de um mundo paralelo, com cópias imperfeitas e incompletas, parcialmente próximas, mais ou menos visíveis, porque dão mais espaço ao *ego* e à individualidade.

No ano de 2020, em pleno período de isolamento social, na tentativa de conter o avanço do novo coronavírus, como se não bastassem os muros e as paredes da casa ou do apartamento, a tecnologia, apesar das vantagens, também serviu para criar mais barreiras físicas. Essa perspectiva pode gerar dúvida em alguns, mais céticos e superfãs da tecnologia, mas vale a pena refletir sobre este exemplo: todos têm a transparência e a visibilidade nas mãos, mas, nas videoconferências, que depois de um tempo foram promovidas a *lives*, a maioria das pessoas simplesmente recusa o acionamento da câmera e do microfone. Sendo assim, enquanto a imagem de alguns surge de modo nítido e a saudação é dita, em alto e bom som, outras pessoas limitam-se a entrar no *chat* da sala virtual, para se comunicar apenas por meio da escrita, sem rosto e sem voz. Com base na situação aqui descrita, que vem se repetindo de modo sistemático,

desde o início da pandemia, em reuniões de trabalho, conversas com amigos ou familiares e até mesmo nas aulas *on-line*, consolidou-se o fato de que o afastamento e a falta de contato tornaram-se escolhas, e não necessidades (Fig. 3).



Figura 3: Separados pela tecnologia.

Imagens disponíveis em: <<https://contrafatual.com/2020/02/08/contra-a-tecnologia/>>

Todos que hoje têm acesso a um computador ou a um *smartphone* podem ver e ser vistos; podem falar e ser ouvidos. Porém, em defesa da privacidade e da distância, a tela-muro parece se solidificar cada vez mais, configurando-se como um comportamento característico do novo século. Isso indica que as pessoas estão recusando o contato pessoal, para fazer uso das interfaces e mediações eletrônicas, que artificializam e reconfiguram as relações humanas. Nesse sentido, o sujeito torna-se cada vez mais próximo da máquina, afinal já não existe muita “diferença discernível entre conversar com ela ou com uma pessoa” (RÉGIS, 2012, p.113). De fato, esse é um risco que as pessoas assumem, quando permitem que a realidade virtual (RV) seja predominante, dia após dia: “[...] ‘a RV é uma realidade que é aparentemente verdadeira, mas não verdadeiramente verdadeira, [...]’. Ser humano e máquina estão nela tão interligados que a natureza de cada um não é mais discernível” (SANTAELLA, 2003, p.305, grifo no original).

Quando a realidade virtual predomina, as experiências do sujeito passam a ser controladas e mediadas pelos equipamentos tecnológicos e isso anula “[...] aquilo que chamamos ‘zonas de contacto’, espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação [...]” (PRATT, 1999, p.27, grifo no original). Defendendo essa mesma ideia, Renato Cordeiro Gomes faz referência ao processo comunicativo tradicional, descrevendo-o como uma “arena discursiva, conotando embate de práticas, valores (políticos, éticos, religiosos, estéticos), tensões de vozes e concepções de mundo, [...] possibilitando o jogo agônico de discursos e contradiscursos” (GOMES, 2008, p.7). No entanto, depois do advento digital, que instituiu a *web* e as redes sociais, Gomes afirma que: “[...] a experiência de viver

nas grandes cidades modernas, planejadas em função dos novos fluxos energéticos e marcadas pela onipresença das novas tecnologias, influencia e altera drasticamente a sensibilidade e os estados de disposição dos seus habitantes [...]” (GOMES, 2008, p.2).

O prognóstico não se encerra aqui. Há, ainda, muito mais a ser observado e discutido, já que “novas tecnologias permitem novos modos de experiência, fazendo repensar o próprio conceito de humano” (RÉGIS, 2012, p.184). Dessa forma, à medida que as tecnologias, evoluem, alteram-se os comportamentos, os modos de vida e as relações interpessoais. Retomando, então, o vínculo entre a tecnologia e a nova onda global, constata-se que algumas das ferramentas que existem hoje em dia surtiram efeito contrário em relação ao que se pretendia, de início, quanto à homogeneidade e à relativização do espaço e das linhas fronteiriças. Entretanto, os próprios usuários também são responsáveis por esse paradoxo. Como exemplo, pode ser citado o fato de que a telepresença possibilita que o corpo ausente participe “de uma comunicação efetiva” (SANTAELLA, 2003, p.293); porém, quando alguém decide não acionar a câmera, nem o microfone, enquanto está **participando** de uma *live*, por exemplo, a presença não se concretiza de modo pleno. Ao contrário, ela se torna fluida, etérea e líquida, afinal: “Não há emoções nem intelecto sem corpo. Não há sujeito nem personagem sem corpo” (DAVINI, 2007, p.314). Sendo assim, mais um muro é levantado (Fig. 4).



Figura 4: A queda do muro de Berlim, em 1989. Imagem disponível em: <<https://radiopeaobrasil.com.br/ha-29-anos-caia-o-muro-de-berlim/>>

Sem rosto e sem voz, as pessoas recusam as possibilidades que a tecnologia oferece, na tentativa de garantir o isolamento, em seus pequenos mundos, cada vez mais particular e alheio aos outros, à sociedade, e ao Mundo com **M** maiúsculo.

Sendo assim, mais de 30 anos depois, é hora de derrubar outros muros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas considerações apresentadas, nas duas seções deste artigo, foi possível verificar estreita relação entre as atitudes de isolamento e exclusão, representadas tanto pela construção de muros físicos quanto de muros virtuais, de valor metafórico. Nesse sentido, ficou exemplificado que as fronteiras físicas tentam conter o trânsito constante das diásporas, opondo-se a elas e aos conceitos de interculturalidade e democratização cultural. Complementando esse comportamento, as barreiras tecnológicas foram caracterizadas como ações deliberadas do sujeito, em prol do individualismo e em detrimento de algumas vantagens do advento das mídias digitais, como a interconectividade e a ruptura das condicionantes de espaço e tempo.

Dessa forma, combinando as duas perspectivas apresentadas neste trabalho, foi possível consolidar a heterogeneidade, fenômeno que acentua as diferenças, de modo a provocar o apagamento de conceitos como coletividade, classe e comunidade. Evidentemente, o triunfo do individualismo não é algo novo, mas costuma ser negado pelas pessoas que, incentivadas pelo senso comum, observam o significado do que é **global** ou **comunitário**, sem analisar, na prática, se o sentido dessas palavras de fato se concretiza.

Outras desmistificações que foram aventadas, nas análises deste artigo, dizem respeito à constância dos movimentos diaspóricos, das globalizações e das revoluções tecnológicas. Hoje, em pleno século XXI, a sociedade vivencia uma nova era industrial e uma nova onda de globalização, ambas distintas daquelas que ocorreram no passado, já que cada fenômeno responde a idiossincrasias que o adaptam ao seu tempo e ao seu público.

Por fim, visando à desalienação sobre a contribuição das mídias digitais para a sociedade e para a área dos Estudos Culturais, este breve estudo defendeu a ideia de que a tecnologia, apesar de suas vantagens, também pode ser usada de maneira negativa, realçando a exclusão e a recusa do próprio sujeito à convivência – com o outro e com os grupos sociais a que ele **diz pertencer**. Sem dúvida, isso reaviva a discussão sobre a função das invenções no que se refere às tecnologias, afinal as pessoas interferem de modo significativo no processo e, na maioria das vezes, sugerem usos imprevisíveis, que nem mesmo os inventores mais geniais foram capazes de prever.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A.; BROWN, C.; MONTE, M. **Diáspora**. 9 ago. 2017. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=neR2vTRrs4M>>. Acesso em: 12 ago. 2020.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Globalização**. As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DAVINI, S. Voz e palavra. Música e ato. In: MATOS, C. N. de; TRAVASSOS, E.; MEDEIROS, F. T. de. (Orgs.). **Ao novo encontro da palavra cantada**. Poesia, música, voz. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007, p.309-326.

EL PAÍS. **Os muros do mundo**: 21 fronteiras históricas. 25 abr. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/02/27/album/1488207932_438823.html#foto_gal_20>. Acesso em: 5 jul. 2020.

EU SOU A LENDA. Direção: Francis Lawrence. EUA: Warner Bros., Village Roadshow Studios, Overbrook Entertainment e Weed Road; Warner Bros., 2008. 100min, colorido.

ESTADO DE MINAS. **Trump constrói 'muro' ao redor da Casa Branca contra protestos pela morte de Floyd**. 5 jun. 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/06/05/interna_internacional,1153991/trump-constrói-muro-casa-branca-contraprotostos-pela-morte-floyd.shtml>. Acesso em: 8 jun. 2020.

GOMES, R. C. Babel do século XXI: do mito às mídias. **E-compós**, Brasília, v. 11, n. 1, p.1-16, jan./abr. 2008.

HALL, S. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, S. Diásporas, ou a lógica da tradução cultural. **Revista Matrizes**, São Paulo, v.10, n. 3, p.47-58, set./dez. 2016.

MAISONNAVE, F.; ALMEIDA, L. de. Um mundo de muros. As barreiras que nos dividem. **Folha de S. Paulo**, 26 jun. 2017.

MANTOVANI, F. Número de imigrantes no Brasil dobra em 1 década, com menos brancos e mais mulheres. **Folha de S. Paulo**, 7 dez. 2021.

PESAVENTO, S. J. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PINTAUDI, S. M.; FRÚGOLI JR., H. (Org.). **Shopping centers**: espaço, cultura e modernidades nas cidades brasileiras. São Paulo: UNESP, 1992.

PRATT, M. L. **Os olhos do Império**. Bauru: USC, 1999.

RÉGIS, F. **Nós, ciborgues**: tecnologias de informação e subjetividade homem-máquina. Curitiba: Champagnat, 2012.

SANTAELLA, L. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (Org.). **Identidade e diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p.73-102.